

ROQUE JACINTHO

TRATAMENTO

DA OBSESSÃO



EDITORA
LUZ NO LAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ÍNDICE

Prefácio	•	11
Tratamento da obsessão		13
1	— Preliminares	15
2	— Conceito de obsessão.....	19
3	— Variação do fenômeno....	25
4	— Centros visados	27
5	— Atmosfera individual	33
6	— Ondas mentais e simbiose	37
7	— Origem das obsessões ..	43
8	— Graus da obsessão	49
9	— Nosso Irmão obsessor..	57
10	— Nosso Irmão encarnado	63
11	— Princípio de cura	69
12	— Reversão da obsessão..	75
13	— Mediunidade do obsediado	85
14	— A família do obsediado	89

Allan Kardec em

"O Evangelho Segundo o Espiritismo":

"Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral que dá acesso a um Espírito mau".

Cap. XXVIII - item

PREFACIO

Roque Jacintho atribuiu-se tarefa útil e oportuna, embora cheia de escolhos. Não é fácil esmiuçar, em livro destinado a leitores de variadas concepções e capacidades intelectuais, o tratamento da obsessão. Desde o conceito, até a conduta ante o obsediado, defrontamo-nos com diversidade de opiniões e de práticas. Numa terra onde os Espíritos estudiosos continuam a ser ínfima minoria, não admira que a prática fuja, amiúde, às normas kardecistas. No que tange à obsessão, o empirismo faz escola. Muitos orientadores têm conceitos pessoais sobre o tratamento da obsessão, em desacordo com a doutrina de Kardec e infelizmente ganham seguidores.

E, pois, muito oportuna a difusão de conhecimentos como os deste livrinho. São eles inteiramente baseados nas boas fontes, dentro do pensamento do Codificador. O autor conseguiu transmiti-los através de linguagem simples e amena, que instrui sem cansar. Mesmo nos primeiros capítulos, onde o estudo margeia com assuntos médicos, não claudicou o expositor, embora não

apreciássemos totalmente aquela liberalidade de classificação do 4º capítulo.

Os últimos capítulos, que tratam propriamente do tratamento da obsessão, achei-os excelentes. São claros, metódicos e os conselhos que o autor fornece serão de grande valia para os confrades que quiserem dedicar-se a esse difícil campo de trabalho.

DR. ARY LEX

Médico do Hospital das Clínicas e professor de medicina

TRATAMENTO DA OBSESSÃO

Nos capítulos deste pequeno livro, teremos nossas atenções centralizadas mais no encarnado e na sua família, aparentemente as vítimas dessa enfermidade moral de nossa Humanidade, a obsessão, deixando para ocasião oportuna outra sequência de anotações sobre o tratamento do obsessivo.

Os Mentores Espirituais, com muita propriedade fotografam o quadro existencial dos desencarnados enredados nos dramas obsessivos. Cabe-nos a nós, encarnados, focalizar o mal, do ponto de vista material, ou seja, deste lado da carne em que nos encontramos.

No tratamento da obsessão, apenas a boa intenção de quem se propõe a cuidar do mal, nem sempre basta. Por vezes, chega mesmo a ser desastrosa. Mal conduzido o tratamento, poderá provocar uma acentuação evidente do fenômeno obsessivo, contribuindo para intensificar o grau de domínio ou posse de nosso irmão obsessivo sobre nosso irmão obsediado.

Agradecemos a inspiração que nos orientou, suprindo-nos as deficiências próprias e que Jesus ampare todos os Seareiros que se compenetraram da urgência de se ilustrarem, a fim de se tomarem mais ajustados para sanar essa terrível moléstia que dificulta o Reino do Amor em nosso Mundo.

ROQUE JACINTHO

PRELIMINARES

Para o tratamento da obsessão, cabe-nos conhecer que, nas disfunções ou anormalidades da alma em geral, poderemos identificar uma ou mais de quatro causas fundamentais:

- a) CAUSAS NEUROLÓGICAS — ou seja, anormalidade por deficiência ou adoecimento do cérebro, ocasionado por fatores internos ou externos ao organismo.
- b) PERTURBAÇÕES TRANSITÓRIAS — provenientes da influenciação desequilibrada de Espírito em estado de perturbação ou por Espíritos levianos.
- c) AUTOPERTURBAÇÃO — oriunda da própria criatura que alimenta insatisfação

íntima com sua vida ou seu destino, o que cria e sustenta anseios desequilibrados, ambições desmedidas.

d) **OBSESSÃO** — desajuste caracterizado por anormalidade de comportamento ou de funcionamento irregular do organismo em geral ou de suas partes, em decorrência do domínio exercido no encarnado por Espíritos vingativos.

Como há quatro causas que podem exteriormente semelhar-se na produção de quadros de perturbação espiritual ou dos distúrbios mentais, nada mais justo nos lembrarmos que uma classificação errônea do fenômeno poderá acarretar um agravamento do mal, com consequências imprevisíveis.

O tratamento certo, no tempo certo, pede necessariamente um diagnóstico apropriado, a fim de abreviar o curso da moléstia instalada ou em fase de desenvolvimento evitando-se, o quanto possível, o seu agravamento por medidas inoportunas ou por desacertos de terapia.

Nem sempre os que procuram os clínicos portam anomalias físicas. Mas temos de convir que nem todo comportamento exótico ou anormal, nem todas as sensações estranhas ou inusitadas, nem todas as perturbações registradas por um enfermo serão só e unicamente *obsessão*.

Há doenças físicas e há obsessões.

Voltemos às quatro causas fundamentais que podem gerar fenômenos aparentemente análogos e tracemos um quadro geral com essas mesmas causas assinaladas dos distúrbios mentais, para mais facilmente as diferenciarmos e mais facilmente as assimilarmos:

São de origem neurológica:

- . desordem por infecção
- . paralisia geral, por sífilis
- . toxicomanias
- . demência senil
- . artério-esclerose cerebral
- . tumores intracranianos
- . debilidade mental
- . imbecilidade
- . idiotia
- . epilepsia
- . hidrocefalia etc.

São origem de perturbações transitórias:

- . Espírito perturbado
- . Espírito perturbador
- . Espírito recém-desencamado
- . Espírito de amigos
- . Espírito de parentes etc.

São origem de autoperturbação:

- . orgulho
- . vaidade
- . preguiça
- . avareza . ignorância . egoísmo
- . má-vontade etc.

E, finalmente, a obsessão propriamente dita.

Não padece dúvida de que as causas neurológicas estão profundamente vinculadas a desequilíbrios da própria alma, desta ou de encarnações anteriores. No entanto, por esses desajustes haverem produzido marcas ou deformidades orgânicas, o seu campo de tratamento deverá ser clínico, embora auxiliado espiritualmente.

Anotemos, igualmente, que as perturbações transitórias e as autoperturbações são sementeiras inegáveis de futuros quadros obsessivos ou de enfermidades orgânicas de longo curso. E seu tratamento por drogas e produtos farmacêuticos ocasiona alterações somáticas consideráveis.

Deveremos ser razoáveis: o médico promovendo a recuperação física da criatura e o Espírita organizando a sua recuperação psíquica integral, usando os recursos apropriados como: Evangelho- terapia, reforma íntima à luz do Evangelho.

CONCEITO DE OBSESSÃO

DEFINAMOS o fenômeno obsessivo.

Para tal, nada melhor que recorrermos aos excelentes estudos do próprio Allan Kardec, nas obras da Codificação Espírita, destacando particularmente do capítulo XIV, item **45** de A GÊNESE:

– “Obsessão é a *ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo*”.

Nesse conceito, sublinhamos os quatro elementos especiais que nos categorizam a classificar, entre as diversas ocorrências espirituais, a que é realmente *obsessiva*, a fim de não confundirmos as inúmeras indisposições transitórias, as variações de humor, as alternâncias da própria alma ou a simples influência ocasional de Espíritos perturbados ou perturbadores com o insidioso mal.

Destaquemos esses quatro elementos, que são:

19

- 1) ação
- 2) persistente
- 3) um
- 4) Espírito mau.

Sem que encontremos esses quatro elementos congregados numa mesma ocorrência espiritual, não teremos jamais o quadro obsessivo declarado. Quando

muito poderemos, na ausência de tais elementos, classificar os sintomas apresentados pelo enfermo, como: disposições pré-obsessivas, ou seja, disposição íntima do encarnado, que facilita a instalação de um completo processo de obsessão, em seu franco prejuízo.

Assim, mesmo ligeiramente, ponderemos, um a um, esses fundamentais componentes:

1. — AÇÃO — O desencarnado, por vezes, sustenta apenas o desejo de revidar um mal que que sofreu do atual encarnado, nesta ou noutra existência. Quer cometer vindita, afirmando-se sequioso por uma desforra. Esse desejo, contudo, mesmo que enunciado verbalmente pelo próprio Espírito, não o transforma num obsessor se, paralelamente aos seus anseios ou às suas afirmações verbais, não estiver movimentando recursos e circunstâncias que venham ocasionar prejuízo efetivo ao encarnado.

2. — PERSISTENTE — Ele poderá, da promessa de vingança, passar à ação efetiva. No entanto, é preciso, ainda, que sua ação não seja ato isolado, um comportamento sem sequência. É necessário que ele engendre o prejuízo que pretende ocasionar, não apenas uma vez, porém que lhe dê continuidade, que o repita.

A ação do espírito, para ser considerada obsessiva, deve ser persistente, isto é, deve subsistir após o primeiros resultados gravosos que desencadeie.

Exemplifiquemos.

Um Espírito bradará pleno de cólera:

— Quero vingar-me!

Da afirmativa desequilibrada poderá desencadear uma ação maléfica. Sua ação provocará cenas de desespero, dor profunda, alienação momentânea, lágrimas incontáveis, reclamações e soluços na sua vítima. Não será apenas uma pessoa, contudo, a viver o quadro de sofrimentos: serão também todos os seus familiares, o círculo de suas afetividades, a sua parentela.

O resultado, por vezes, surpreende o Espírito que desejava vingança e ele se sente deprimido e condoído, afirmando:

— Não pensei causar tantos males...

E suspende seu mau ato.

Não houve, aí, obsessão a rigor.

Se, no entanto, após o desencadeamento do quadro de consequências desagradáveis, esse Espírito sentir prazer em contemplar a sua obra e até aumentá-la, revelando-se satisfeito com as dores que semeia à sua volta — então, será ele realmente um obsessor caracterizado, porque a sua má ação se tornou *persistente*.

3. — UM — Se há mais de um Espírito comandando a perturbação, pouco permanecendo cada um nas atividades desequilibrantes, não teremos, da mesma forma, uma obsessão caracterizada.

Observa-se que num grupo de Espíritos entregues às atividades obsessivas sobre determinada pessoa, encontramos entre eles um dirigente, um mandatário, que é o responsável principal e em torno do qual os demais se fazem simples apêndices, funcionando como instrumentos de torturas, não, porém, como obsessores caracterizados.

Dessa forma, se num fenômeno espiritual os Espíritos se alternarem, sendo hoje um, amanhã outro, não teremos um quadro obsessivo e sim simples influência consequente do que já chamamos de estado *pré-obsessivo*.

4. — ESPÍRITO MAU — Por último, se a ação persistente for de um Espírito, é preciso que esse seja um Espírito mau, isto é, um Espírito inteiramente consciente do que faz, das dores que provoca intencionalmente, dos prejuízos que acarreta lucidamente no uso de seu livre-arbítrio.

Um Espírito desequilibrado, perturbado, obliterado em seu raciocínio, recém-desencamado, suicida, ignorante de seu novo estado na espiritualidade — não é um obsessor, porque não está com seu moral pervertido conscientemente, ou seja, ligado por vontade própria aos lupanares dos vícios e das paixões.

Valhamo-nos da excelente classificação dos espíritos que Allan Kardec faz em "O Livro dos Espíritos", questão **100** e seguintes e, na décima classe, encontraremos os ESPÍRITOS IMPUROS, — que são os que se empregam nos casos de obsessão:

"São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas porque passam".

"Alguns povos os arvoram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do Mal".

O conhecimento dos detalhes de um obsessor, de seu caráter, de seu gênio — permitem-nos mensurar os recursos evangélicos de que deveremos dotar-nos para recuperá-lo efetivamente, sem correremos o risco de iludir-nos quanto ao tempo e quanto à natureza do agente obsessivo. Longe de levar-nos a repudiá-lo, dota-nos de maior coragem, de maior persistência, de maior decisão de abraçá-lo, um dia, como um trabalhador que se deteriorou sob a ação do orgulho e do egoísmo.

VARIAÇÃO DO FENÔMENO

A *AÇÃO* persistente que um Espírito mau exerce sobre uma pessoa nem sempre é visível, por feitos espetaculosos e até certo ponto incômodos ao enfermo e aos seus familiares — mas que, por serem visíveis, servem para revelar e advertir de que há uma anormalidade a corrigir.

Há muita ação persistente que se passa à sombra de nosso mundo íntimo, minando-nos o progresso individual e o coletivo, que se confunde com a nossa própria deliberação ou vontade. No entanto, embora parecendo pensamentos nossos, vontade nossa, decisão nossa, leva-nos a espelhar, sem sinais exteriores de anormalidade, a vontade de um Espírito mau que não conseguimos identificar.

As modalidades do fenômeno obsessivo são, assim, duas: uma oculta e outra ostensiva.

A obsessão oculta é uma *influência* malévola - em nosso modo de pensar ou de sentir, sem que o obsediado chegue a considerar-se sob a ação de um Espírito mau. Amiúde atribui a si mesmo as decisões e os pensamentos, mal chegando a perceber o mal que está desencadeando dentro de sua ; família ou do seu serviço ou de seu agrupamento (social e religioso).

A obsessão ostensiva é uma *perturbação* de [^] efeitos exteriores que o enfermo, não raro, identifica, embora não possa conter-se ou controlar-se. Atinge seu organismo, em parte ou no todo, des- trambelhando-lhe funções e reações. Estabeleçamos, pois, um quadro:

. *obsessão oculta*: influência afetiva influência de ideação . *obsessão ostensiva*: perturbação do organismo perturbação das faculdades mentais A causa primária do fenômeno, seja oculto, seja ostensivo, é sempre a mesma, variando tão- somente a sua forma de exteriorização ou apresentação e, conseqüentemente, o tratamento para essa enfermidade é sempre um só, porque uma só é a sua origem e um só o seu remédio.

CENTROS VISADOS

O MÓVEL, o objetivo de toda obsessão é a vingança de um Espírito mau 'contra determinada pessoa, com a qual se relacionou numa das anteriores existências e por ela se julga ultrajado e cujo reencarne e progresso se lhe afigura como uma fuga à sua justiça pessoal.

Para obstar a marcha da libertação, o obsessor movimenta seus conhecimentos, seus recursos pessoais, aviltando os pontos mais sensíveis e mais vulneráveis do encarnado.

Como nossos pontos de penetração interior são variados, os centros perturbados variam também de pessoa para pessoa.

Tais centros ou áreas visadas e atingidas serão:

a) *Afetividade* — toda a sede de sentimentos;

27

b) *Ideação* — toda capacidade intelectual do homem;

c) *Organismo* — determinada víscera ou sua fisiologia;

d) *Psico-orgânica* — um complexo de in- fluenciação ou perturbação da afetividade, dos centros de ideação e do organismo.

Para maior clareza, estabeleçamos um quadro dessas áreas influenciáveis e sobre as quais a obsessão pode ser instalada e desenvolvida:

a) AFETIVIDADE — os nossos sentimentos podem ser perturbados ou influenciados em dois impulsos gerais que são: egoísmo e orgulho. Trabalhando sobre essas duas deficiências gerais de nosso comportamento, o obsessor poderá aumentar o nosso negativismo dentro do seguinte esquema:

1. — Egoísmo:

impiedade
ciúmes
antipatia
indiferença
sensualismo
avareza etc.

2. — Orgulho:

.paixões
ódio
rancor
vingança
cobiça
raiva
maledicência calúnia etc.

Nos domínios da afetividade não há grandes empecos para o trabalho obsessivo, já que raríssimos são os homens que sustentam um equilíbrio contínuo que possa trazê-los forrados das influências exteriores.

b) IDEIAÇÃO — O nosso patrimônio ideativo é imenso e variado e a obsessão pode instalar-se, de acordo com nossas fraquezas pessoais, num desses departamentos de nossa alma e que, para clareza, relacionamos em seguida:

inteligência
sensação
percepção
memória
associação
atenção
imaginação
raciocínio
tendências
vontade
linguagem

c) ORGÂNICA — em nosso organismo e seu complexo, por vezes o obsessor se instala, por querer cobrar dentro da pena do "olho por olho e dente por dente". Tendo sido aviltado organicamente, esquematiza a sua vingança dentro dessa área:

sexo
fígado
estômago
rins

pulmões intestinos sistema nervoso.

E, como já tivemos oportunidade de assinalar, além da influenciação e domínio isolado de partes componentes da criatura, a obsessão pode generalizar-se e o obsessor passa a dominar o complexo todo, quando, então, teremos as áreas psico-orgânicas em plena degeneração ou sob o peso de seu domínio.

Contudo, cumpre não olvidar que nem sempre a obsessão é tão generalizada que se torne visível ou mensurável pela perturbação total da criatura. A exemplo, uma pessoa que tenha toda a sua área afetiva equilibrada, que possua ainda em bom estado o seu centro de ideação, poderá sofrer lapsos terríveis de *memória*, por efeito da ação persistente de um Espírito mau.

Ora, como ferindo a memória se poderia prejudicar alguém?

Simple de compreendermos: a memória é o arquivo de conhecimentos novos que se incorporam em nossa bagagem individual, prelibando o enriquecimento de nossa personalidade. Basta que ela seja perturbada e nos depararemos com um milhão de empeços, das mais diversas ordens.

Examinemos uma dificuldade, apenas.

O reencarnado que tem dívidas com o Espírito mau está em seus primeiros anos de vida terrena. Apronta-se profissionalmente, para realizar os planos que se lhe destinaram como oportunidade de recuperação psíquica. Cada ano que vence, dentro do estudo, é um passo mais próximo de sua alforria, possivelmente. O obsessor, após tentar feri-lo nos sentimentos ou no organismo e não o tendo conseguido, volta-se contra a sua me- 'mória.j.Nos momentos de exames ou provas, quando a tensão emocional cresce e o encarnado forma condições de ser influenciado, o obsessor atua sobre a sua memória, criando-lhe o pânico interior pela impossibilidade de recordar-se das matérias estudadas. Fere-lhe a memória. Esta falha, aparentemente tão natural, coloca em risco o seu objeto e afeta os seus ideais.

Assim com todos os componentes da afetividade, da ideação e do organismo.

ATMOSFERA INDIVIDUAL

O HOMEM pensa.

Quando organiza seus pensamentos, sua vontade movimenta mecanicamente ondas no Universo e reúne em tomo da própria criatura esses elementos recolhidos no laboratório da Natureza, construindo, a sua atmosfera individual.

Essa atmosfera fluídica, pela qual o homem , se envolve em razão de seus pensamentos, toma-sea sua característica pessoal, pela qual poderá ser

reconhecido e perfeitamente identificado por ou-tros Espíritos mesmo quando "troca de roupa" em \uma nova encarnação.

Não fora essa emissão fluídica a nos revelar, os Espíritos obsessores não nos identificariam nas roupagens novas de uma nova existência terrena e romperíamos com eles todos os laços de aproximação, simplesmente por estarmos envergando um corpo fisionomicamente diverso daquele em que éramos conhecidos em nossa última romagem física.

Essa atmosfera individual sofre modificações a cada pensamento e a cada sensação que alimentamos ou registramos e, em decorrência dos impulsos magnéticos que lhe imprimimos, afasta-se de nós, à semelhança das ondas de rádio e de televisão, conduzindo a nossa mensagem, o nosso pensamento, para longe de nós mesmos — formando as ondas mentais com que envolvemos a nossa coletividade humana e que caracterizam os agrupamentos afins.

Para maior clareza e simplicidade, acompanhemos um gráfico da formação da atmosfera individual. Presumiremos que a criatura emita três pensamentos diferentes, de modo alternado: ora sentirá ternura, ora sustentará o ódio, ora alimentará o ciúme dentro de si.



Notemos que, no centro do cérebro, a epífise está emitindo ou movimentando os fluidos universais. Nascendo na epífise, esse pensamento envolve o homem e cria a sua atmosfera.

Uma dedução é evidente, da exposição.

Se o homem permutar os seus pensamentos impuros, por ideações e sentimentos elevados, renovará a sua atmosfera individual, higienizando-se e elevando-se na escala espiritual de nosso Universo. É similar à nossa infância e posterior maturidade. Em criança sustentávamos determinados comportamentos e ideações. À medida que nos tomamos adultos, fomos sofrendo modificações e, hoje, nossos pensamentos e nossos hábitos são muito diversos dos de nossa infância e, apesar de tal modificação, não deixamos de ser a mesma pessoa, o mesmo indivíduo.

ONDAS MENTAIS E SIMBIOSE

AS VIBRAÇÕES mentais que o homem impulsiona com sua vontade, entram em contacto com ondas de pensamentos iguais, existentes em nosso Mundo e, ao

mesmo tempo que nelas influem adensando-as, delas recebem influência natural.

Na coletividade em que nos encontramos, por exemplo, todos os que emitem pensamentos de piedade criam uma "onda mental de piedade" com características próprias que passam a sustentar e dela recebem uma permuta constante que lhes permite desenvolver ainda mais esse nobre sentimento que lhes germinou na alma.

Reflitamos nas consequências das ondas mentais, que são fator importante e decisivo em nossas vidas, compreendendo que a sobrecarga que recebemos em decorrência de nossas emissões, pode beneficiar-nos ou retardar-nos nos caminhos da evolução.

Figuremos as afirmações:



O sentimento de piedade, partindo do homem pela sua "antena mental", que já mencionamos na ilustração n.º 1, alcança a onda de piedade existente em sua coletividade. Levadhe a sua parcela de contribuição e dela recebe, em retorno, uma sobrecarga que lhe tonifica a disposição interior.

Um homem que adentre a onda do desânimo sentirá que, minuto a minuto, o negativismo se instala inteiramente em sua disposição e ele se sentirá, a menos que reaja de imediato, compelido a divisar nuvens densas em seu futuro e a desistir de todo e qualquer empenho de recuperação. E o círculo de ação e reação das ondas mentais seguirá em ritmo acelerado, despertando-lhe pensamentos desalentadores que comprometem até a sua integridade física.

Já aquele que sustente otimismo, sem fantasia, estará, dia a dia mais ajustado às suas tarefas materiais e espirituais, conseguindo vencer obstáculos que ao desanimado pareciam intransponíveis, porque terá a sustentá-lo todo um estímulo magnético que recolhe na "onda de otimismo" de sua coletividade.

Estudemos agora, ligeiramente, a simbiose.

Além de unir-se às ondas mentais similares às que emite, pelas ideias e pelas aspirações mais sustentadas pela criatura, ela entra em simbiose (vida em comum) com as demais criaturas encarnadas ou desencarnadas, que alimentam as suas mesmas preferências e hábitos.

Os fluidos são simpáticos.

Quando iguais, promovem uma adesão, criando os laços de simpatia mútua, através dos quais os homens se agrupam e se associam. Quanto mais sustentem os mesmos fluidos, por manterem os mesmos pensamentos, mais estreito o laço que formam entre si.

Os fluidos se repelem.

Quando, porém, os homens sustentam pensamentos ou sentimentos diversos ou divergentes, os fluidos, ao revés de uma adesão, sofrem uma repulsão mútua. Repelem-se. E exteriormente, essa repulsão, o homem a identifica como antipatia.

Observemos, contudo, que não existe a simpatia total, ou seja, não existe jamais, dentro do estágio evolutivo em que nos encontramos, uma afinidade completa de fluidos entre as pessoas. À medida que estreitamos amizade com alguém, descobrimos que esse alguém nos é simpático em determinados momentos ou atitudes e menos simpático em outras ocasiões. A razão destas alternâncias está em que, por ser a atmosfera fluídica individual variável, quando nela predominam os fluidos que nos são iguais, sentimos maior simpatia pela pessoa e quando, por ação de seus pensamentos, se modifica a sua radiação fluídica em ondas que nos são desconhecidas ou repulsivas, sentimos que não admiramos tanto, não queremos tanto, não amamos, tanto o nosso amigo.

A simbiose, pois, jamais é completa.

Vivemos a mesma vida, a vida em comum, com outros Espíritos desencarnados ou encarnados, mas não em todos os seus lances, em todos os seus propósitos. Temos vida em comum apenas em algumas facetas de sua personalidade ou de suas preferências. Anotemos no cotidiano que temos amigos para os esportes, outros amigos para **40**os estudos, outros amigos para a profissão, outros para a diversão... Dificilmente teremos todo um grupo de amigos para todas as nossas atividades ou preferências.

Eis um esboço de simbiose:



O homem da direita está sustentando um sentimento de ternura e um sentimento de rancor. O da esquerda está emitindo um de ternura e um de desânimo. Vivem uma vida em comum quanto à ternura, isto é, sentem, aspiram, desejam, pretendem o mesmo objetivo na onda da ternura, em que se identificam.

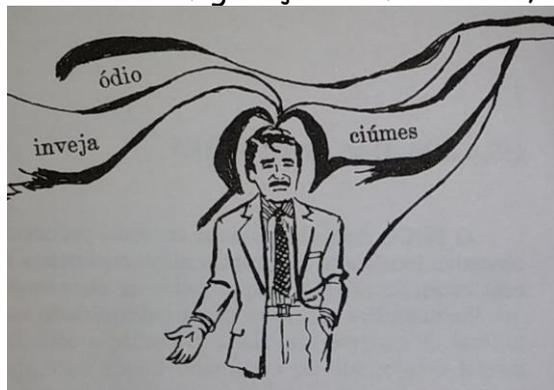
ORIGEM DAS OBSESSÕES

O FOCO central e gerador de todo processo obsessivo localiza-se na própria alma encarnada e nela estão, ao mesmo tempo, todos os elementos que lhe permitem sanear-se dessa enfermidade espiritual de extrema gravidade.

Somente a atitude mental desajustada do encarnado é que sustenta os liames por onde o mal se instala e se alimenta, sendo que o Espírito desencarnado, co-participante do fenômeno, é uma réplica do estado espiritual daquele que se encontra matriculado na escola terrena.

O homem que cria em si a inveja, ciúme, ódio, a exemplo, liga-se a ondas mentais semelhantes, recebendo-lhe toda influência deletéria, abrindo-se para os processos obsessivos, à semelhança da água estagnada que serve de leito para os vermes.

Eis a configuração do fenômeno, em sua fase individual:



Emitindo ciúmes, inveja e ódio, o homem tonifica tais ondas mentais e se reveste fluidicamente com os miasmas espirituais, criando liames com Espíritos inferiores, que se lhe assemelham.

i

A ambição irrefreada, e exaltada até como virtude por algumas criaturas, poderá induzir o homem a ocasionar prejuízos e danos aos semelhantes que atravessem o seu caminho dificultando-lhe a conquista cobiçada. Nesse choque de interesses poderá o ambicioso resvalar para meios imorais a fim de vencer a competição.

O prejudicado reclamará justiça.

Se não for satisfeito, em seu desequilibrado anseio de vingança pelo mal sofrido, procurará uma oportunidade para desforra nesta vida. Caso lhe seja impossível a satisfação que pretende, nesta vida, após o fenômeno do desencarne retornará do Além e, unindo-se aos desvarios mentais do seu algoz, passará a reclamar "justiça pelas próprias mãos", instalando um processo de obsessão de resgate.

II

A angústia profunda a que se confinam as almas cujas consciências despertam após uma série de múltiplos erros, assim como o isolamento sistemático ditado pela usura, o egoísmo acalentado pelos insatisfeitos, o orgulho cegamente mantido pelos pseudosábios — são comportamentos que imantam o homem às ondas mentais inferiores, ensejando o início de processos obsessivos difíceis.

III

A preguiça habitual de corpo ou de alma, a indolência sistemática pela caridade que não realizamos, a referência costumeira aos defeitos alheios, o uso irrefletido

e ferino da língua, as

45suspeitas e as calúnias que engendremos ou repitamos contra nossos companheiros ou opositores — atrofiam nossa harmonia perispiritual, rompendo-nos o parco equilíbrio e projetando-nos aos labirintos complexos da obsessão.

IV

A inveja que deitemos em nosso próprio coração poderá refletir-se em comportamentos maléficos em detrimento de irmãos de jornada. Sob o jugo torturante de possuir o bem alheio, poderemos olvidar o respeito devido a todos e prejudicá-los na primeira oportunidade, se não pudermos ocupar-lhes a posição ou usurpar-lhes o conceito pessoal.

Invariavelmente, porém, teremos estabelecido intercâmbio com nossos companheiros sofreadores do Além, que se instalarão em nosso mundo íntimo como usuários de nossa habitação corporal, co-habitando conosco por tempo indeterminado e se sustentando do banquete do desequilíbrio que lhes proporcionamos.

V

O ódio, trabalhado com todos os requintes de uma imaginação viciada e fermentado em nosso mundo interior, funde-nos com as ondas mentais menos sadias do Universo Espiritual, transformando-nos numa oficina de auto-demência.

Além dos profundos vincos orgânicos que o ódio patrocina destrambelhando-nos funções delicadas, sela nossos atos com os de Espíritos compromissados com o Mal, abeirando-nos da loucura.

VI

E mais ainda...

A ausência de confiança em Deus, a ironia aos sentimentos religiosos, os propósitos indignos a que nos confiamos, a ilusão de que conhecemos todas as verdades — são caminhos largos que conduzem ao mundo tenebroso do desequilíbrio espiritual, o qual, por ajustar-se a comparsas na Espiritualidade e ainda não estar definitivamente decalcado em nossa organização neurológica, se torna um definido processo de obsessão.

◆ *

Não vale a aparência...

Efetivamente, no campo das ondas mentais e das simbioses espirituais, não importa a roupagem aparentemente digna ou principesca com que vistamos os nossos atos de egoísmo ou de orgulho e que nos distanciam do amor e da humildade.

Seja qual for a sua justificação, seja qual for o colorido que emprestemos a esses desequilíbrios emocionais e ideativos, eles sempre reagirão contra nós mesmos, desgastando-nos as energias perispirituais até que fiquemos entregues temporariamente à atividade e influência de irmãos menos felizes, à semelhança de penitenciários confiados a carcereiros para o trabalho reeducativo de que nos

revelemos carentes.

Está em cada um de nós, pois, o direito sagrado de escolhermos o plano mental em que desejamos viver e, compulsoriamente, teremos de conviver com aqueles que elegemos para nossos companheiros de aprendizado e jornada.

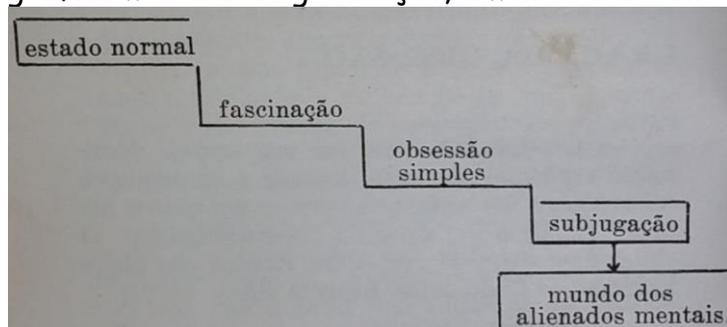
GRAUS DA OBSESSÃO

A OBSESSÃO, como um processo de dominação espiritual de nossa vontade e conseqüente reflexo em nosso comportamento e em nossos hábitos, atende a um ciclo de desenvolvimento, já claramente definido por Allan Kardec nas obras basilares da Codificação Espírita em:

- obsessão simples
- fascinação
- subjugação ou possessão.

Ao realizar esses estudos o Mestre Lionês não catalogava enfermidades diferentes entre si. Destacava apenas seus matizes, representando os degraus que o fenômeno obsessivo atinge se não experimenta pronta reversão e cura.

Partindo do estado normal de uma pessoa, poderemos representar graficamente essa graduação, em escala descendente:



Todo subjugado de hoje já passou pelas fases da obsessão simples e da fascinação. E todo aquele que hoje é portador de uma obsessão simples e repele os tratamentos psíquicos capazes de debelar seguramente o mal, sofrerá a fase da fascinação e depois o da subjugação que, não raro, culmina nos quadros patológicos da loucura, com os traços fisiológicos da disfunção ou atrofiamento do sistema nervoso e do complexo cerebral.

Hoje atendemos a um impulso íntimo para a maledicência, reunindo detalhes e pormenores do comportamento irregular de nosso semelhante, qual se alguém nos segredasse aos ouvidos revelações respeitáveis. Sentimo-nos encantados com essa estranha e inusitada acuidade para descobrir os defeitos mais ocultos do próximo e poderemos até julgar-nos privilegiados por “ver com antecipação os males morais incubados”.

Comentaremos com volúpia.

Essa acuidade, porém, é início de uma obsessão simples se instalando em nosso foro íntimo e que progredirá lentamente, à medida que exercitarmos o prazer mórbido de comentar os defeitos alheios.

Agora, marchamos irrefletidamente para os abusos alcoólicos, bebericando o que chamamos de inofensivos aperitivos, afirmando:

— É para baixar a poeira das ruas e preparar-me para as refeições.

Anotaremos, no entanto, uma diferenciação em nossa personalidade, que se torna ajustada às paixões e menos contida em nossos atos. Descobriremos que sob os efeitos etuicos, experimentamos alguns prazeres grosseiros e tomamos algumas medidas extremas que, quando sóbrios, desconhecíamos ou não teríamos reunido suficiente coragem para executá-las.

Essa diversificação de humor é, também, sintoma da ligação obsessiva que estaremos provocando o prelúdio do mais intenso domínio a que nos entregamos.

III

No campo do sexo...

Ontem, atravessou à sua frente uma mulher que transbordava convites de sensualidade. Sua radiação fluídica é na onda do aviltamento do sexo. E ele rompeu com suas recentes virtudes e suas ideações de família, perseguindo as variações instintivas, consagradas enganosamente como virtudes em muitos compêndios de Psiquiatria e de Filosofia por ser correspondência virtual de seus autores.

Após, sentiu-se mais viril, mais respeitável no círculo de seus companheiros, pelas narrativas detalhadas de suas escabrosas conquistas em nível de prostituição.

Eis novo e arrasador processo obsessivo, instalado no centro das forças genitais.

IV

E os aparentes fracassos...

Embora toda a sua previsão e todos os seus esforços honestos e louváveis, onde todos ganharam alguma coisa, ele tudo perdeu.

Repletou-se da sensação de ser perseguido pela má sorte.

Nas suas turbilhonantes e aflitas reflexões, sente alguém rindo e zombando de si, pela satisfação de assistir-lhe a derrocada.

Se se irritar e tomar-se ainda mais impaciente com os acontecimentos aparentemente desastrosos, abrirá campo a que se inicie um processo obsessivo simples, alongado pelo prazer que seu aborrecimento desperta nos seus opositores *

À proporção que se concretiza a simbiose entre o obsediado e o obsessivo, a enfermidade moral de que o encarnado está possuído evoluirá pelos diversos graus estudados neste capítulo.

E por que não repele o encarnado o erro?

Por que não afasta de si as montanhas de problemas e obstáculos que se acumulam à sua frente?

As indagações são respeitáveis.

Vale anotar que, embora seja má a influência que nos atirará aos abismos de

conseqüências ultradolorosas, comumente aceitamos grosseiros enganos como virtudes ou contabilizamos o erro como qualidade positiva na escola dos prazeres.

Desde que não nos desliguemos, por efeito de nossa vontade, do envolvimento que experimentamos e, mais ainda, se nos for agradável a vivência debaixo da orientação nociva, o processo obsessivo se agravará lenta ou rapidamente, chegando à *fascinação*. Da fascinação, quando não admitiremos estar sob a influência de vontades estranhas à nossa e nem nos consideraremos um enfermo, a obsessão atingirá o grau da *subjugação*. Da subjugação, quando nossos comparsas ou nossos inimigos pessoais se assenhorearão de nosso implemento físico para conduzir-nos ao desbaratamento das oportunidades expiativas ou regenerativas que recebemos nesta encarnação ou, então, para induzir-nos ao pináculo das sensações grosseiras em que nossos opositores se comprazem — iremos para a autodestruição, seja pelo descame prematuro, seja pela internação definitiva no mundo dos alienados mentais.

É preciso que o homem renove sua medida / de valores.

Enquanto se esconder na capa da ambição desenfreada, mascarando-se de virtuoso; acobertar-se no desalento, fingindo-se de vítima; afundar-se no inferno consciencial, fugindo da renovação de seus atos; confiar-se aos desvarios do sexo, afirmando-se homem; servindo-se do prato da maledicência, anunciando denunciar o mal. . . enquanto assim fizer, estará sempre próximo demais da obsessão.

O Espiritismo-cristão, ajustando conceitos e renovando ideais, oferece uma nova tabela de valores morais, permitindo que o homem, sob a bênção de Jesus, vença a si mesmo, dominando as suas paixões e corrigindo os seus aviltamentos, entrando em simbiose com os Mensageiros Celestes, portadores da paz e da felicidade.

NOSSO IRMÃO OBSESSOR

NUM impulso quase natural, frente aos casos de obsessão, ajustamos nossas prédicas e ponderações em torno do Espírito desencarnado, cuja pressão se faz sentir sobre o enfermo.

Para a nossa parcial visão do quadro obsessivo, parece-nos sempre que a enfermidade espiritual seja gerada exclusivamente pelos desencarnados menos felizes ou menos evoluídos moralmente e que bastaria ele renunciar a sua vingança para que a normalidade retomasse ao encarnado sofredor.

Espiritizemos, porém, nossos conceitos.

O obsessor, amiúde analisado e tido apenas como inimigo que cumpre combater, funciona, no mecanismo das Leis Divinas, como as grades de uma prisão que o próprio obsediado ergue à sua volta e que, definindo e revelando o seu mal interior, restringe-lhe a liberdade e evita, por vezes, que o doente pratique males ainda mais graves ou mesmo que se envolva, de pronto, com energias ainda mais

tenebrosas.

Compreenderemos essa situação pelas ondas mentais, que já estudamos ligeiramente no curso destas anotações.

Tomemos um reencarnado que nutra vibrações de sensualismo. Esse sensualismo o seu desafeto desencarnado fermenta ainda mais, e através do prazer que o reencarnado registra em suas aventuras sensuais, o Espírito passa a comandar- lhe a vontade.

Condu-lo pelas avenidas dos prazeres.

Comandando suas ações, sente-se a cavaleiro para sua desforra, já que promove o aumento de compromissos do encarnado com a espiritualidade inferior e impede-o de crescer psiquicamente e libertar-se, por consequência natural do processo.

O obsessor tem um plano em execução.

O obsediado, porém, em decorrência de seus desvarios, além do sensualismo pode aproximar-se do crime, da morte física ao seu semelhante — e seus pensamentos tomam o rumo dessas ondas mentais no Universo.

Mentalizando o crime, atrai outros Espíritos.

São os comparsas que estão sendo convocados para o erro.

O obsessor, contudo, impede que outros venham tomar sua vez e seu trabalho particular, afastando os elementos inoportunos que atendem ao apelo mental do obsediado.

Eis o quadro, figurativamente:



A figura central é a do obsediado. A da esquerda o obsessor, primitivo, que domina sua vítima, sedento de vingança. A da direita é outro Espírito, mais inferior ainda, que vem atendendo a disposição do obsediado de penetrar pelos caminhos do crime. Notemos que o obsessor se funde com o obsediado, dentro da mesma onda mental e cria um campo de domínio em torno do mesmo. Esse campo o Espírito recém-vindo não consegue romper para entrar em simbiose com os pensamentos de crime do obsediado.

*

Embora o desencarnado seja credor de nossa atenção, compelindo-nos ao uso do Evangelho do Senhor, não poderemos olvidar de atender, com mais cuidados, o verdadeiro necessitado: o encarnado.

O encarnado é quem mais urge pelos medicamentos indispensáveis para sua afetividade e sua ideação doentias, já que ele se encontra instalado na carne, com seu maravilhoso esquecimento do passado.

◆ *

No tratamento das obsessões, justo que empreendamos esforços e diligenciemos para transmitir noções da Doutrina Espírita-cristã ao nosso irmão obsessor, visando tomá-lo um companheiro de jornada regenerativa e um trabalhador do Bem.

Mas, ao obsediado sempre caberá a difícil e longa tarefa de evangelizar o seu aparente opositor, através de sua própria transformação moral e de seu empenho efetivo nos campos do Amor.

* *

Não raro as emissões mentais desequilibradas, os desejos irrefreados do encarnado enfermo é que mantêm estacionado o companheiro que se encontra no Além e que sofre horrivelmente tentando desvencilhar-se dos tentáculos que o tomam conluído com os campos negros em que o encarnado detém a própria mente.

É que, não raro, as obsessões são criadas pelos encarnados e não pelos Espíritos.

* *

O irmão desencarnado que se enreda e que agrava seus compromissos nos fenômenos obsessivos, justificando-se como um credor cercado de direitos ou simplesmente permanecendo imantado ao encarnado em decorrência da insistência deste — deve ser norteador com os princípios redentores do Evangelho.

Não poderá ser responsabilizado, contudo, se o enfermo não retifica o roteiro de sua própria vida e se convoca, insistentemente, um mundo de alienados mentais que pululam à sua volta.

* *

Há de ocorrer uma conjugação de esforços.

Doutrinador, família do obsediado, e mais ainda o próprio obsediado — todos deverão estar unidos no mesmo propósito de se soerguerem moralmente, a fim de levantarem, juntos, o padrão vibratório do Espírito obsessor.

Sem tal empenho, não sairão da fase inicial.

Singularmente o obsediado funciona como um guia de seu obsessor, ditando-lhe, pelas suas próprias emissões mentais, o caminho a seguirem juntos.

O obsessor, pois, não é um inimigo.

É apenas um amigo transviado que cumpre recuperemos para a Vida Eterna e que o Pai permite viva ao nosso lado, evitando que pratiquemos males maiores ou assumamos dívidas de pagamento difícil.

Ele é um nosso irmão.

NOSSO IRMÃO ENCARNADO

O RESTABELECIMENTO efetivo do obsediado guarda estreita e íntima ligação com o seu empenho de curar-se. Sem que ele se reconheça doente e aspire

o restabelecimento, dificilmente se chega a algum resultado apreciável.

Garantir ao obsediado ou à sua família o pronto retomo da sanidade espiritual, sem destacar-lhes as medidas profiláticas indispensáveis, nas quais eles serão os agentes diretos, será criar-lhes uma ilusão, prejudicando o curso do tratamento.

Quanto mais a família e o obsediado confiarem no orientador encarnado, que os conduzirá no decorrer do tratamento, mais porfiarão em transferir-lhe o seu problema, mostrando-se tranquilos e desobrigados até de qualquer empenho, confiando em poderes miraculosos e fantásticos. E, dia a dia, revelar-se-ão apressados e impacientes para atingir o final do fenômeno que lhes altera a paz familiar e lhes perturba os planos do futuro.

Convém que a família e o próprio obsediado, na medida de seu entendimento, sejam inteirados das medidas morais que levam à cura, tornando-os elementos naturais da recuperação.

No entanto, é preciso cautela ao referir-se ao Mundo dos Espíritos, pois quase sempre andam mal informados e estão propensos a odiar surdamente o opositor desencarnado, atribuindo-lhe todos os percalços do cotidiano. E a maioria dos aparentes insucessos da vida diária são devidos, unicamente, ao comportamento habitual desajustado da própria criatura.

O obsediado, por sua vez, não tem condições de ser inteirado dos detalhes e do mecanismo da obsessão e nem das artimanhas e da capacidade de manipulação fluídica do obsessor. Mais razoável e justo oferecer-lhe esclarecimentos sobre medidas objetivas que redundarão no seu reequilíbrio, do que deter-se em detalhes técnicos de sua enfermidade.

Deveremos evitar sempre a instalação de fobias por Espíritos — atitude comum no obsediado e na sua família, quando mal orientados sobre o tema. O receio, o medo que sintam pelos irmãos do Além, embora destituído de fundamento, é bastante prejudicial ao processo de cura, porque amplia a faixa de domínio dentro da qual vivem. Porfiemos em fazê-los ver a Espiritualidade como um departamento do Universo, uma outra cidade apenas, com naturalidade e respeito e sempre sem temores e sem deslumbramentos artificiosos. Cientes de que todos os fenômenos ocorrem ajustados às Leis Naturais, presididas por Jesus e dependentes de nosso comportamento, criarão condições de tomarem-se úteis a si mesmos, franqueando a cura.

Se o enfermo gera o mal, devemos acusá-lo?

Não! Seria cometer um engano doloroso.

Não guarda o enfermo condições racionais e afetivas para julgar a si mesmo. Vale lembrar a imortal afirmativa de Jesus: "Eles não sabem o que fazem", pois que se soubessem realmente as conseqüências de seus desvarios morais, por certo não os praticariam.

Do princípio evangélico, deduziremos que o enfermo realmente necessita, e para isso os Missionários Divinos devem tê-lo encaminhado às nossas vistas e

cuidados, é de socorro amoroso, de atenção redobrada, de acolhimento fraterno.

De censuras, já lhe bastam as que ouve de seu obsessor.

**

Inoportuna, também, a medida de querer reviver a existência pregressa do doente, para justificar-lhe o quadro obsessivo da atualidade. A cortina que se desceu entre o presente e o passado é uma bênção inestimável, que deve ser conservada nessa mesma posição que a Providência Divina lhe deu, para que o esquecimento organize a estrada da esperança e da regeneração das almas compromissadas.

O obsediado precisa de auxílio discreto.

* *

E a reforma íntima...

Abordando a indispensável reforma íntima sob a luz do Cristianismo-redivivo, é fundamental que não enveredemos pelo campo respeitável da teoria e não menos admirável das abstrações filosóficas. Não nos entreguemos, igualmente, ao empenho das dissertações longas, porque estas medidas nobres, para os irmãos que se encontram envoltos em perturbações pronunciadas e ostensivas, são ininteligíveis.

Enquanto não tornarem ao equilíbrio e ao entendimento para essas culminâncias iluminativas da alma, será melhor substituí-las por medidas de ordem prática, no sentido espiritual, oferecendo-lhes pequenas tarefas definidas e serviços vários em favor do semelhante, cujos resultados se somarão a favor de sua cura — como parte do tratamento.

\$ ♦

Não olvidar jamais que o esgotamento das energias físicas do obsediado, decorrente da própria obsessão que lhe absorve os fluidos vitais, pede um tratamento clínico simultâneo. O organismo há de reagir, facilitando a reintegração do perispírito em todas as funções orgânicas, principalmente as nervosas, para que a alma conduza o seu barco.

O estado de subnutrição, a avitaminose e outros processos de insuficiência por exaustão das energias vitais, por vezes obrigam o tratamento espiritual prolongar-se, chegando mesmo a desbaratá-lo, porque não houve um reequilíbrio paralelo das funções da alma e do corpo.

**

Nem todos os casos de obsessão são curáveis.

Muitos irmãos obsediados, embora todos os bons esforços, destinam-se à loucura clínica caracterizada, como parte das provações e expiações a que se submetem.

Principalmente os obsediados que portam deficiências congênitas — muitos dos enfermos da alma não encontram restabelecimento numa única existência física. Não será por isto, porém, que lhes devemos negar tratamento, já que os benefícios de uma desobsessão nem sempre são alcançados no curto espaço de uma vida

corpórea.

Guardemos certeza, porém, que toda cura se inicia no estojo físico.

* ♦ *

O obsediado, com sua queda e seus problemas, é um irmão nosso, tanto quanto o próprio obsessor, a rogar-nos, pelos seus desajustes espirituais, uma quota maior de trabalho e de dedicação, convidando-nos permanentemente a sustentarmos os nossos pensamentos nos planos altos da Espiritualidade Maior, a fim de estarmos armazenados de fluidos regeneradores que operam renovação geral em nosso próximo.

PRINCÍPIO DE CURA

A reencamação, para irmãos portadores de acentuado desequilíbrio espiritual, representa uma "internação temporária no sanatório da carne", na sábia expressão do Espírito de André Luiz, visando o seu tratamento específico.

O esquecimento do passado é um dos elementos mais ponderáveis incorporados em seu tratamento, pela oportunidade de desligar-se de quadros e fixações mentais de teor depressivo.

A sua infância, e o período conseqüente de contenção de seus atos espontâneos, renovando-lhe a companhia psíquica, banhada no amor materno e nas vibrações de ternura e carinho de familiares e conhecidos, é outro dos fatores favoráveis à sua cura.

No entanto, a reversão do mal dependerá da continuidade que o próprio reencarnado dê aos planos ante-reencarnatórios que aceitou por remédio moral indispensável.

Considerando-se os detalhes de uma reencarnação e todas as suas implicações psíquicas, observamos que o fato de ser um reencarnado representa as mais sérias e complexas providências da Espiritualidade Maior em favor do companheiro obsediado. A sua volta ao nosso Mundo só se realizou quando ele se apropriou de alguns elementos positivos para sua transformação interior. Então, todo um mecanismo agiu a seu favor, ajustando-o ao estojo da carne.

Mas, a vida sustentada por longos séculos fala muito alto, mesmo à sombra de nossa inconsciência e religa-nos ao passado, que precisamos vencer.

* *

Malbaratando o esquecimento do passado, aviltando as radiações de amor que envolveram a sua atmosfera fluídica na infância, o reencarnado religa-se ao passado, adentrando o círculo do processo obsessivo.

Cabe, então, ao orientador encarnado, reconduzir o enfermo a interessar-se pelo próprio restabelecimento. E essa tarefa inadiável é longa e difícil. Mil escolhos se anteporão, criando suspensões inesperadas, requerendo o máximo de paciência e perseverança do esclarecedor encarnado.

No entanto, o interesse pela própria cura é o único caminho que dará autenticidade ao restabelecimento do equilíbrio perdido ou não conquistado.

*

* *

O obsediado quer curar-se.

Atingindo esse estágio indispensável, a de- sobsessão principia quando o obsediado empreender esforços sinceros para "doutrinar" e "evangelizar":

- a língua maledicente,
- os olhos maliciosos,
- a palavra caluniosa,
- os atos de egoísmo,
- os hábitos de orgulho,
- I— as atitudes de ingratidão,
- os pensamentos de sensualidade,
- os impulsos de agressão...

Sem que haja empenho de autodoutrinação, o obsediado será um doente desinteressado na sua própria recuperação e que se compraz nos labirintos de seus sofrimentos, por não querer alterar o rumo de suas preferências e hábitos desajustados.

* *

Auxiliar o irmão obsediado a vencer as dificuldades do reajuste espiritual, destacadamente no setor de reconciliação com os seus adversários, não será, por certo, tomar-lhe a vez nas tarefas que lhe cumpre realizar.

O socorro prestado aos desencarnados, implicados no processo obsessivo, quer pela doutrinação, quer pelas preces dos familiares, não desobriga o enfermo de realizar a parcela mais decisiva do tratamento, ou seja, que ele crie em si o desejo de viver em harmonia com seus semelhantes e de renovar os seus valores morais, visivelmente deturpados.

* *

Não se esperará que um fenômeno que eclodiu após alguns anos ou alguns séculos de incubação, experimente reversão em poucos dias ou raras semanas. Consequentemente, não se esperará do obsediado nenhum comportamento de santificação externa, a breve tempo.

Paixões que atravessaram séculos cristalizan- do-se em desequilíbrios, precisarão de longo tempo para se dissolverem. À custa, contudo, de persistente ação no campo de caridade para com o próximo e para com a família e para com os inimigos, elas se corrigirão para a eternidade.

* *

Um obsediado reincide em erros.

Embora já tenha alcançado a deliberação de curar-se e haja iniciado a prática de serviços e tarefas benemerentes, viveiido em clima de contacto com o Evangelho do Senhor, sentirá as recaídas, as repetições dos desvios morais, as

tentações que nascem em seu coração.

Por longo tempo se sentirá tentado a retomar às paisagens espirituais de que se elevou. Mas, deverá socorrer-se da oração, do convívio nobre, das leituras sadias, fortalecendo a sua libertação e sendo amparado pelos esclarecedores encarnados que deverão compreender-lhe os lances difíceis e naturais de um convalescente, já que toda reformulação moral do homem é lenta, por eterna.

*

O obsediado que não sente disposição para orar e nem se interessa pela própria reforma íntima deverá também receber auxílio.

É justo, porém, que não se olvide que a sua recuperação efetiva não se iniciará enquanto ele não alterar suas disposições íntimas e passar a combater em si mesmo a causa da obsessão.

É um fruto verde que sazonará ao sol da Dor.

Receberá o passe e a água fluida.

**

No Espiritismo não existe o miraculoso.

Vale notar que os obsediados que se libertaram de seus perseguidores, nas narrativas Evangélicas, eram os que já aspiravam pelo encontro com o Senhor, exaustos da vivência desregrada. Estavam fundidos, pela esperança, com os climas mentais depurados.

Bastava-lhes, pois, que os fluidos do Mestre Jesus rompessem os derradeiros liames que os acorrentavam à espiritualidade inferior, para que tomassem as rédeas do próprio destino e da Vida para se dirigirem por si mesmos.

Irmãos tais ainda hoje buscam o Mestre.

O esclarecedor do Espiritismo-cristão deverá, para eles, ser o embaixador da Celeste Providência e doar-lhes, generosamente, aquele clima fluídico que lhes será alforria permanente.

REVERSÃO DA OBSESSÃO

A CURA da obsessão implica numa reversão dos graus já atingidos pelo fenômeno. A descida da subjugação à fascinação e da fascinação à obsessão simples, e finalmente da obsessão simples à normalidade espiritual — é todo o quadro genético do restabelecimento do enfermo.

Contudo, não se pode precisar o número de dias ou de meses ou de anos em que a criatura poderá estagiar num desses degraus no curso da reversão de sua enfermidade, até que se restabeleça por completo.

Não são poucas as vezes em que um subjugado, revertendo para a fascinação, já se considera restabelecido e dispensado de prosseguir nas práticas e métodos cristãos de cura. A sua atitude, no entanto, ainda é resultante da própria enfermidade que o confunde e que confunde seus familiares mais próximos.

O impulso de abandonar o tratamento é característico em todos os doentes que estão experimentando melhora efetiva, por pressão do próprio obsessivo que se sente despejado de sua posição.

E, não raro, acontece que o doente que se sentia incomodado pela subjugação, aprecia viver na faixa mental da fascinação e se revolta contra os seus assistentes quando reverte a obsessão para esse grau, que lhe é agradável.

Há lances e alternâncias, pois, no curso da reversão que o orientador da cura deverá estar inteirado para tomar mais eficaz a sua contribuição e realmente auxiliar com amor.

◆ *

Em todos os casos obsessivos a intervenção do passe regenerativo, da água fluida e das orações de terceiros em favor dos doentes, são simples meios auxiliares, mas indispensáveis, visando proporcionar aos obsediados alguns momentos de lucidez e autocontrole — durante os quais deverão ser informados do papel que lhes cabe no processo da própria cura.

Não se deve, portanto, subestimar o enfermo, julgando que ele não possua condições para o autorestabelecimento. Tal julgamento é um perigoso jogo de aparências e, por presumir que o doente é um incapaz de regenerar-se, o orientador encarnado passará simplesmente a substituir ou colaborar com o obsessivo.

Todos os enfermos têm condições de cura.

Precisam ser auxiliados fraternalmente.

◆ *

Durante algum tempo, no curso do seu tratamento, o enfermo se ligará à influência de seu orientador encarnado, pelos fios da afetividade, socorrendo-se do mesmo para todas as suas dúvidas e problemas, até os mais simples.

Cabe ao orientador sustentar paciência.

A substituição é benéfica.

Contudo, o doente deve ser liberado, pouco a pouco, reintegrando-se em sua liberdade, voluntariamente renunciada a favor do obsessivo e, no transcorrer do tratamento, ofertada ao orientador encarnado.

◆ *

O processo de reversão da obsessão tem o seu início quando se rompe a cristalização de egoísmo, sob a qual está aprisionado o enfermo e seus sinais exteriores são o interesse pelo seu semelhante mais necessitado e, também, quando se despeja da torre de marfim de seu orgulho, fazendo-se humilde para com todos e para com o Mundo.

Abre-se, então, o sinal do reequilíbrio.

* *

Não se deve prejudicar que a condição infeliz ou precária do obsediado seja um

atestado de ausência de egoísmo e' de orgulho. Esses dois grandes males que minam, respectivamente, a afetividade e a idealização, nem sempre se revelam pelas posses materiais ou pelas roupagens exteriores.

Egoísmo e orgulho são enfermidades profundas e atuantes na alma e, com raríssimas exceções, comuns a todas as criaturas em trânsito pela Terra, sejam quais sejam as suas posições sociais, financeiras ou profissionais.

O fato do doente e de sua família se envergonharem da obsessão os faz afirmar:

— Não merecemos tal sofrimento...

Ou ponderarem:

— Por que sofreremos assim, se nunca fizemos mal a ninguém?...

Tais atitudes revelam uma camada bem maior de egoísmo e de orgulho do que se poderia presumir e que compreenderemos com uma simples análise.

78No entanto, tal posição de egoísmo ou de orgulho não impede o tratamento e nem faz com que o enfermo e sua família mereçam menos consideração do orientador Espírita. Tão-somente evidencia que em verdade todos precisam de amor e de reforma íntima.

•
É regra que a família do obsediado tenha necessidade de participar diretamente do tratamento de seu membro querido, tratando-se também, em todos os seus componentes, à medida do possível.

O reencarne sob aquele teto não ocorreu por simples acaso e, por conseguinte, todas as recomendações feitas para o obsediado servem aos seus familiares.

A não participação da família do enfermo no tratamento desobsessivo, torna mais prolongada a cura e mais difícil o seu restabelecimento. Por vezes, seus componentes serão utilizados pelo obsessivo para interromper o processo reversivo já que todos, ou quase todos os daquele teto se encontram dentro ou nas proximidades de suas ondas mentais.

•
A reversão da obsessão só se consegue quando se tem clara noção de que o obsediado tem carência de trabalhos ou tarefas ajustadas à sua alma. Na realidade a sua doença é originária de desequilíbrios nascidos do desuso ou do mau uso de suas faculdades anímicas.

A sua ativação espiritual é o remédio.

É indispensável o laborpsiquismo, ou seja, atividades da alma.

Algumas práticas de laborpsiquismo que destacamos para serem realizadas diariamente pelos que estejam em tratamento de desobsessão:

- falar bem dos outros, algumas vezes por dia;
- dar atenção aos seus familiares, algumas horas;
- ler trechos de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", antes das refeições e antes de dormir;

- dedicar uma ou duas horas por semana a trabalhos de assistência benemerente como auxiliar de tarefas simples;
- sorrir quando for cumprimentado;
- ouvir boas leituras doutrinárias do Espiritismo-cristão;
- frequentar as reuniões públicas de estudos do Evangelho, nos Templos Espíritas, esforçando-se por não dormir;
- ser encarregado de fazer preces em voz alta, nas reuniões normais e nas familiares;
- visitar famílias pobres e ajudá-las nos seus serviços domésticos;
- manter-se permanentemente ocupado em tarefas nobres.

E, como é natural, não descuidar-se das atividades profissionais e úteis ao seu ganha-pão diário ou dos pequenos serviços que pode realizar para a economia familiar ou para garantir o seu sustento.

MEDIUNIDADE DO OBSEDIADO

Todo obsediado é um médium.

A sua enfermidade já é o refletir dos pensamentos e da vontade de um desencarnado, viven- do-lhe o império de dissabores.

Mas, é um intermediário em regime de desequilíbrio temporário.

* * *

O médium-obsediado deve suspender suas atividades de intermediário formal da Espiritualidade, nos círculos do Espiritismo-cristão e procurar, imediatamente, nas reuniões evangélicas dos Templos de sua fé e destacadamente na vivência das normas morais de Jesus a sua libertação do jugo que identifica em si mesmo.

◆ * *

O obsediado que não exercia a mediunidade e que possivelmente nem tomara contacto com o Espiritismo antes da eclosão de seu mal, não deve jamais ser conduzido a tomar o papel de medianeiro da Espiritualidade.

Nos exercícios mediúnicos de almas desequilibradas, o obsessor encontra caminho mais fácil para fundir-se ainda mais com o obsediado, já que mediunização é sensibilização psíquica.

Com tal distanciação proposital do obsediado e dos trabalhos mediúnicos, evitaremos que o obsessor humilhe demais aquele que se confiou à sua influência ou perturbação.

* *

Jamais deveremos permitir que o obsediado venha a ocupar a posição de ouvinte na doutrinação do infeliz desencarnado que o assedia, a fim de que ambos os implicados na trama obsessiva não criem maiores ressentimentos.

A aproximação de comparsas do mesmo erro somente faz por reviver as cenas lamentáveis em que se tenham compromissado anteriormente e reacende o mal, ao invés de minorar-lhe os efeitos.

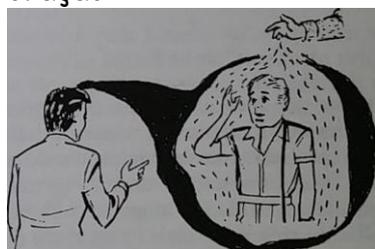
* *

Nos passes espirituais que o obsediado receba, jamais se deve evocar o Espírito que o tortura para que se manifeste por intermédio do enfermo.

A manifestação de um irmão do Além exige afinidade fluídica profunda e tal afinidade entre o perseguido e o seu perseguidor sempre se revela inconveniente para o saneamento da moléstia.

O passe tem a justa função de neutralizar e aliviar a ação fluídica do desencarnado sobre o obsediado. Se, portanto, verbal ou mentalmente, o passista patrocinar esse reencontro, compelirá os enredados no drama obsessivo a fundir-se, tornando-se sem sentido a transfusão de energias magnético-espirituais que se proponha realizar a bem do doente.

Acompanhemos, por uma ilustração, a ação do passe, quando o mesmo é feito sem a evocação do obsessor e, por conseguinte, com o passista em estado de oração:



A figura da esquerda é a do obsessor que está envolvendo o obsediado em suas radiações mentais. Do passista, figurado pela mão sobre o obsediado, jorram energias salutares que rompem o envolvimento do obsessor, interpenetrando-se e 'descongestionando' a pressão exercida e as áreas dominadas pelo Espírito.

Consideramos o encarnado guia e orientador do obsessor.

Há graves consequências quando julgamos que o obsessor seja um orientador espiritual enfermo que esteja aguardando a oportunidade de assenhorear-se das cordas vocais do obsediado e falar à Terra e, então, teatralmente converter-se num "espírito de luz".

Não existe santificação miraculosa.

Toda luz é conquista lenta e milenar e nunca produto de uma decisão momentânea, após séculos de imantação ao erro.

* *

Mesmo que haja acontecido de, espontaneamente, sermos informados de alguns detalhes da existência pregressa dos participantes do drama obsessivo, tais informações deverão permanecer inteiramente resguardadas, longe do conhecimento da família do enfermo e mais longe ainda do próprio enfermo.

Em caso algum contribuirão para abreviar a reconciliação indispensável, salvo quando manipulamos estes elementos com muito tato psicológico, utilizando-o

indiretamente em nossa análise do problema.

A informação do passado quase sempre é inconsistente, quando não fornece elementos para verificação positiva e, em grande parte dos casos, reduz-se a mera curiosidade inconsequente.'

Se o obsediado pudesse conhecer seu passado, inteirando-se dos detalhes de suas lutas, seus problemas se tornariam maiores, mais cruciantes e ele penetraria num pesadelo terrível. Seria a sua reintegração nos quadros alucinatórios de antes de sua • reencamação e atenderia exatamente a vontade do próprio obsessor que não se resigna em vê-lo olvidar o que se passou.

Sempre é pela bênção do esquecimento que a recomposição espiritual do obsediado principia. E se os Mensageiros Divinos movimentam tantos recursos para proporcionar ao enfermo um organismo que lhe sirva de refúgio e de cortina inde- vassável entre o presente e o passado, por qual motivo haveremos nós de tentar rompê-la estava- vadamente?

* *

Num futuro distante, quando haja o ex-obse- diado desenvolvido suas qualidades morais, superando a fase de simbiose com os mais baixos planos da espiritualidade e unindo o seu coração e o seu raciocínio a Mundos Maiores — então poderá ser convidado a participar de reuniões mediúni- cas, com o fim de prestar socorro a outros que urgem por seu amparo e seu carinho fraternos.

A FAMÍLIA DO OBSEDIADO

OS FAMILIARES do obsediado são os transformadores intermediários da energia destinada a revitalizar as disposições sadias, mas ainda fracas, do seu enfermo querido, contribuindo diretamente para a sua recuperação.

* *

Se os familiares forem imaginosos ou de natureza simples, deve-se ter grande cuidado no informá-los do que seja obsessão e seu mecanismo, a fim de que eles não passem a atribuir ao desencarnado ou mesmo ao seu familiar enfermo, os tropeços que experimentam na caminhada da Vida.

Não devem ser instruídos em repudiar ou temer o obsessor. Antes, devem aprender a querê- lo como um filho ou um irmão que ainda não chegou a merecer a bênção de um corpo.

◆ *

O afeto que os familiares dediquem ao doente é um envolvimento fluídico prolongado, até permanente, que compensa os desequilíbrios ocorridos.

A atmosfera espiritual do lar é o grande remédio, atuante e contínuo, a envolver os contendores da obsessão, amenizando-lhes os choques e as agruras.

* *

O desespero, a revolta, a impaciência dos familiares com o obsediado ou com a

duração de sua enfermidade ou pelas suas crises, funcionam como plataforma de apoio para o desencarnado, facilitando-lhe instalar-se mais comodamente e permitindo-lhe ajustar-se espiritualmente com o encarnado, comandando-lhe os movimentos.

Em decorrência, a calma, a resignação, a paciência dos familiares são auxiliares inestimáveis para a reação do enfermo querido.

* *

Deveremos conduzir os familiares a observar que as crises obsessivas se prolongam e se tomam mais dolorosas e agudas, à medida que os circunstantes do enfermo cultivam desvirtudes comuns.

Anotarão que quando alimentam pensamentos desequilibrados, contundentes, desesperados, desanimados, com ausência de fé em Deus, o doente recolhe todas as emissões mentais íntimas, retratando-lhes os desajustes em sofrimentos atroztes. E tais sofrimentos redundam num aumento da insatisfação da família, criando um círculo vicioso em franco agravamento da enfermidade e desencadeamento de crises. E não fora a Caridade Divina, não se romperia jamais.

*

*

A formação de reuniões de leituras de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" no lar do enfermo, sem relação com qualquer fenômeno mediúnico, contribui para a renovação fluídica da família e ajusta melhor o clima de cura.

Tais reuniões devem ser recomendadas, pois, como parte integrante do tratamento.

*

*

Não será nunca demais repetir que não se contribua, de forma alguma, a que os familiares temam ou se deslumbrem com os Espíritos, atribuindo-lhes os percalços naturais da existência ou, então, criando uma dependência absoluta dos mesmos para a solução de seus menores problemas domésticos.

A espiritualidade não deve ser aviltada.

Não poderemos contribuir para que a vejam, ora como um conto de terror e crimes, ora como a fonte de poderes ou forças ocultas, repletas de mistérios ou contos de fadas.

A Espiritualidade deve ser mostrada tal qual é: um departamento normal da vida, simples e natural.

* *

Por último, o perdão.

O perdão, necessário entre as partes implicadas nos acontecimentos, não se exprime pelo convencionalismo verbal de nossa época.

Não se devem confundir os familiares e nem o obsediado que, por afirmar em que já perdoaram e que não guardam nenhum ressentimento contra o obsessão, já a reconciliação se tenha efetivado. Contrariamente a quaisquer afirmações labiais, o perdão se consubstancia em fatos concretos:

- paciência com o doente;
- ausência de curiosidade enfermiga sobre o desencarnado;
- não atribuir ao obsessor os acontecimentos desastrosos que os visitem;
 - não-repulsão ao perseguidor invisível;
- não aspirar e nem desejar que o obsessor venha experimentar o reverso da medalha, ou seja, que venha a sofrer os mesmos sofrimentos que ocasiona;
- esperar, sem pressa e confiando em Jesus, o restabelecimento do familiar querido;
- não procurar meios violentos ou aparentemente rápidos para desalojar o obsessor;
- não suspirar por ver-se livre do obsessor dentro do lar;
- orar sinceramente em favor do perseguidor. ..

É no amor aos inimigos que o perdão se realiza, como expressão fluídica profunda da alma e não dentro de frases feitas como:

- Desculpo — mas, que não se repita!

Ou, então:

- Perdão — mas, não me aborreça de novo!

O perdão, pois, não é uma fórmula de afastamento dos obsessores. Antes, é a reconciliação com os nossos inimigos, tomando-os amigos e companheiros de nossa jornada expiatória.

Outras obras

KARDEC, NA INTIMIDADE *de Roque Jacintho*

Em páginas inspiradas por Mentores Espirituais, temos nesta obra casos vividos pelo Codificador do Espiritismo.

São pedaços de Vida e exemplos nobres e tocantes, que trazem para você a figura de Kardec, em seu aspecto mais íntimo e mais humano, tocando o seu coração.

Edição: Editora Luz do LarJESUS, O VERBO DO PAI

1. Manahen e Roque Jacintho

Os três primeiros capítulos do Evangelho de (oão).

Um verdadeiro diálogo Espírita, com ilustrações no texto, esclarecendo, informando, numa linguagem coloquial.

Você participa do texto.

Cada subcapítulo se encerra com um **vocabulário** auxiliar, que define e explica palavras e expressões, numa colocação Espírita-cristã.

E texto do próprio Evangelho.

Você, agora, entenderá completamente!

Formato: **13 x 18**

DOIS MOMENTOS COM JESUS

Roque Jacintho

„» Dois momentos importantes na vida de Jesus.

São dois contos onde você terá a cura da filha de Jairò, da mulher hemorrágica e o nascimento do Mestre, contado desde a saída de Maria da aldeia de Nazaré até o instante da significativa visita dos Pastores em Belém.

Esses dois momentos marcarão a sua vida.